

Influências sebastiânicas no fantástico mundo do imaginário nordestino

Isaac José da Silva Júnior
Rakel Luciana Azevedo Pereira

Resumo

O caráter transcendental de um mito, como expressão singular de um universo real, que consegue penetrar na alma humana de culturas diversas e passa a fazer parte da história de um povo, que pelas desventuras, sacrifícios e necessidade de viver reacendem suas esperanças, e criam um mundo novo com suas próprias fantasias. É com essa premissa que abordaremos sobre o lendário caso do rei português D. Sebastião. Os aspectos messiânicos identificados nos movimentos místicos-religiosos do Brasil são evidenciados no tocante as necessidades de transformações sociais que assolam o povo brasileiro desde de sua colonização. O apego às práticas religiosas como porta de entrada para mudanças, tem em seus líderes a personificação dos anseios populares. Assim, tendo como referência o Sebastianismo português e uma série de movimentos sebastianistas no Nordeste, além, da presença deste elemento no universo literário de Ariano Suassuna no "Romance d'a Pedra do Reino e do Príncipe do sangue do vai e volta", nos deteremos ao fenômeno do imaginário coletivo.

Palavras-chave: sebastianismo, messianismo, armorial.

O caráter transcendental de um mito, como expressão singular de um universo real, que consegue penetrar na alma humana de culturas diversas e passa a fazer parte da história de um povo, que pelas desventuras, sacrifícios e necessidade de viver reacendem suas esperanças, e criam um mundo novo com suas próprias fantasias. É com essa premissa que abordaremos sobre o lendário caso do rei português D. Sebastião.

Assim, tendo como referência o Sebastianismo português e uma série de movimentos sebastianistas no Nordeste, além, da presença deste elemento no universo literário de Ariano Suassuna no "Romance d'a Pedra do Reino e do Príncipe do sangue do vai e volta", nos deteremos ao fenômeno do imaginário coletivo.

No processo de colonização do Brasil os costumes trazidos da Península Ibérica (Portugal e Espanha) enraizaram-se pelo país, muitas de suas epopéias, mitos e conflitos sócio-econômicos, atravessaram o Atlântico, criando um universo particular. O mito de D. Sebastião (sebastianismo) é um exemplo disso. Após difundir-se na mente e no imaginário do povo português, encontrou um terreno fértil na religiosidade popular nacional.

O sebastianismo é uma espécie de Messianismo. Nas acepções modernas “messianismo” está relacionado com a idéia da crença em um líder político, as camadas populares, creditam a ele a capacidade de transformar e acabar com os abusos existentes e instaurar uma era de progressos para a população. Porém, o sebastianismo do século XVI, não cabe dentro desta perspectiva, com certeza, não faltavam ao povo português, a esperança em um imperador carismático, que restabeleceria a ordem política e social, mas essa esperança para eles estava integrada a uma relação nitidamente religiosa da história.

O rei D. Sebastião (O Desejado), nasceu no dia 20 de janeiro de 1554, poucos dias depois da morte de seu pai, o príncipe D. João, último filho homem e vivo de D. João III e D. Catarina. Com um nascimento bastante esperado, o sucessor de D. João III já se tornaria o rei de Portugal, sendo herdeiro ao mesmo tempo de um trono e de uma quase inevitável crise econômica e política. D. Joana, mãe de D. Sebastião e irmã de Felipe II de Espanha, ao receber ordens para voltar a Castela em maio de 1554 deixou o filho aos cuidados dos sogros (GARCIA, 1980).

D. Sebastião recebeu o codinome de Desejado por ter afastado as pretensões de anexação espanholas de Portugal. Aclamado rei em junho de 1557 começou a governar em janeiro de 1568, aos catorze anos de idade. O nascimento do herdeiro português encheu de alegria todo o reino, que vivia a angústia de ser governado pelo o rei de Castela (HERMMAN,1998)

O Desejado é o primeiro epíteto que recebe, levando-o a conscientizar-se desde a primeira infância do papel que talharam para ele de salvador do Império Português. Enquanto não pode assumir o trono, coube a regência do país a sua avó, D. Catarina, que facilitou a influência espanhola em Portugal, causa da formação de uma corrente anticastelhana que marcará a educação do príncipe. Educado para ser um perfeito cavaleiro medieval e elege como modelo incontestável **Nuno Álvares Pereira**¹ (CUNHA, 1980, p. 24).

¹ Nuno Álvares Pereira (24 de Junho 1360 - 1 de Novembro 1431), também conhecido como o Santo Condestável ou Beato Nuno de Santa Maria foi um general português do século XIV que desempenhou um papel fundamental na crise de 1383-1385, onde Portugal jogou a sua independência contra Castela. Consulte : http://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_de_1383-1385

O fim de seu reinado deu-se quando tomou a iniciativa de partir para uma batalha em junho de 1578, no Marrocos, em Alcácer-Quibir, norte da África, onde desapareceu. O trono foi ocupado por seu tio o cardeal D. Henrique que morreu sem deixar herdeiros. O parente mais próximo era o todo poderoso rei da Espanha Felipe II que incorporou Portugal e suas colônias aos seus domínios. Foi o período da União Ibérica, (1580-1640). (CATARIM, 2005).

A queda de Portugal deu-se não somente pela morte do rei D. Sebastião, mas diante de uma realidade há muito tempo conhecida pela população pobre, que vivia massacrada pela falta de investimentos e pelos privilégios da nobreza, gerando uma inquietação popular que transforma a volta de D. Sebastião, num sonho de redenção do império lusitano. Acreditava-se que o rei guerreiro, casto e bondoso ressuscitaria e promoveria a redenção espiritual e econômica dos desfavorecidos, eliminando a nobreza e distribuindo suas terras e suas riquezas. (CUNHA, 1980).

Especialmente, depois de seu desaparecimento, o messianismo português encontrou clima ideal de proliferação. Em D. Sebastião personificaram-se os anseios messiânicos da gente portuguesa. O Rei Desejado tornou-se centro da lenda.

O nome messianismo como o fenômeno é genericamente designado, para evitar certas limitações de sentido, é de origem hebraica. Vem do vocábulo hebraico MASHIAH [messias], que significa literalmente o UNGIDO. Sebastianismo é sem dúvida forma ou manifestação de fenômeno messiânico. Nele, percebe-se a presença de forte sentimento coletivo, capaz de esmagar ou superar a tragédia de uma vida de sofrimento e injustiças, e de opor a esperança de vida melhor, cheia de felicidade, e paz social. (VALENTE, 1986, p. 36)

O Sebastianismo emerge dentro desse contexto como concretizador das idéias messiânicas em Portugal, sendo propagado pelas **trovas**² proféticas do sapateiro Gonçalo Anes, o Bandarra, que cria o evangelho sebastianista, inspirado em diversas fontes: na

² Em torno de 1500 nasce em Trancoso. - 1530 a 1540: Compõe suas trovas. - 1541: Julgado pelo Tribunal do Santo Ofício, condenado com uma pena leve. Retorna a Trancoso onde vem a falecer em 1556. - 1603: As trovas do Bandarra são impressas pela primeira vez, em Paris, por obra de D. João de Castro (*Paráfrase e Concordância de Algumas Profecias de Bandarra, Sapateiro de Trancoso*). - 1644: As trovas são publicadas por segunda vez, em Nantes. - 1809: As trovas são reeditadas em Barcelona, por ocasião das Invasões Francesas.

Bíblia, No velho Testamento e particularmente no Novo Testamento e na lenda do Mago Merlim. (VALENTE, 1970)

As trovas do Bandarra foram construídas a partir do sonho do autor, que anunciavam a vinda de um **Encoberto**, aquele que traria paz e justiça para todos. Os escritos circularam a princípio manuscritos, e em 1603 foram impressos, com um caráter místico, o uso de metáforas e linguagem religiosa-bíblica. No momento que D. Sebastião morre, nasce à expectativa da volta do rei português, que estaria Encoberto, na espera do momento certo para constituir um novo tempo de união, paz e prosperidade. (CUNHA, 1980).

Portanto, percebe-se a relação existente entre o mito, as disparidades sociais e o universo religioso, que permite a construção de um ambiente capaz de criar sonhos e fantasias, diante da incapacidade de encontrar saídas. A mentalidade coletiva e o desejo de transformação, que no caso português têm origem na perda do seu território para Espanha e do Desejado rei D. Sebastião, faz parte de sua história, como alicerce de sustentação da realidade destruída.

Segundo Laplantine 2005, o imaginário coletivo com bases na edificação de um reino de salvação e regeneração do mundo tem três tipos de comportamento: a espera messiânica que seria a resposta sociológica normal de uma sociedade ameaçada por dentro e por fora em seus fundamentos, à possessão e a utopia.

É importante perceber que o caráter estruturador dos movimentos sebastianistas têm uma orientação centrada nas expectativas salvadoras, presente na fé popular, que teria o poder de transpor barreiras existenciais e converter uma realidade social cruel, em um “paraíso real”.

A espera messiânica estaria envolvida com multidões exploradas, sedentas de absoluto de justiça social que se reúnem em torno de grandes profetas ou pequenos iluminados transformando seu desespero em esperança (LAPLANTINE, 2005).

O ser humano consegue recriar situações reais atribuindo –lhe novos significados e o fantástico surge como elo entre o momento vivido e o futuro. No livro, O que é o Imaginário, de François Laplantine e Liana Trindade, é destacado o compromisso do imaginário e sua relação com o real:

O imaginário possui um compromisso com o real e não com a realidade. A realidade consiste nas coisas da natureza, e em si

mesmo o real é interpretação, é a representação que os homens atribuem às coisas e à natureza. Seria, portanto, a participação ou a intenção com os quais os homens de maneira subjetiva ou objetiva se relacionam com a realidade, atribuindo-lhe significados. Se o imaginário recria e reordena a realidade, encontra-se no campo da interpretação, ou seja, do real. (LAPLANTINE ;TRINDADE, 2003 p. 79)

O caráter messiânico identificado nos movimentos místico-religiosos do Brasil é evidenciado no tocante as necessidades de transformações sociais que assolam o povo brasileiro desde sua colonização, assim, o apego às práticas religiosas como porta de entrada para mudanças, tem em seus líderes a personificação dos anseios populares.

Segundo Diva Cunha 1980, o movimento messiânico corresponde a uma dinâmica organização em torno de um líder carismático, que tem como objetivo uma mudança na estrutura da sociedade. Expressa por tal motivo na insatisfação dos participantes com o mundo e o desejo de reformá-lo.

A presença de “profetas”, ”beatos” e “santos”, que eventualmente aparecem especialmente, no Nordeste, conseguem despertar na população sofredora, um alívio e uma grande esperança nas causas impossíveis, assim a credence passa a ser algo extremamente ligado ao poder sobrenatural como verdadeiro elixir de sobrevivência.

Cronologicamente podemos citar, como primeiro foco do Sebastianismo a existência do líder Silvestre José dos Santos, que começou a pregar o "paraíso terrestre" na Serra do Rodeador, em Pernambuco, a partir de 1817, seus seguidores acreditavam que o rei Dom Sebastião seria desencantado e todos ficariam ricos e donos da felicidade perene. Aquele que desejasse entrar na seita se confessava com a Santa da Pedra, feita a confissão, e mediante o pagamento de jóia estipulada pelo mestre, recebia o novo adepto a carta patente, onde se exibiam expressões indecorosas. O movimento foi extinto após uma carnificina. (VALENTE, 1986)

Com o exagerado misticismo popular, Silvestre fez grande número de adeptos. Pregava a volta de D. Sebastião. Em um grande mocambo, que servia de templo, realizava cerimônias religiosas, obedecendo ao rigoroso ritual. Mestre **Quiou**, como era chamado pelos seus seguidores - recebia inspiração e ordens. **Quiou** o enviado, como ele próprio se considerava, conseguira incutir no espírito crédulo da gente sertaneja que o cercava, idéias sebastiânicas. No local onde se instalara o grupo de fanáticos desenvolvia-se um

aglomerado humano, com casas cobertas de palha e jeito de pequena cidade. (COSTA, 1974).

Outro movimento messiânico no Nordeste foi o do "beato" Antônio Conselheiro, que fundou sua "cidade santa" em Canudos e pretendia reconduzir seus fiéis à "divina monarquia", a um "paraíso terrestre".

Antônio Conselheiro já era uma figura bastante conhecida nos sertões nordestinos desde a década de 1870. Era caixeiro de loja e graças a uma infelicidade pessoal - foi abandonado pela mulher - partiu para uma vida de eremita, cruzando o sertão de cima a baixo. Por onde andava procurava consertar os cemitérios e melhorar as igrejas. A fama das suas prédicas começou a se espalhar e gente miserável começou a segui-lo. Sua aparência assemelhava-se aos profetas bíblicos, com uma vasta cabeleira que lhe caía pelos ombros e vestido com um brim comprido que lhe chegava aos pés e um cajado nas mãos. Parecia um personagem saído diretamente das Velhas Escrituras (SCHILLING, 2005).

Os fiéis que começaram a seguir Conselheiro depositavam nele toda a confiança para a transformação de suas vidas, aliado a crença em um salvador milagreiro. Surgiam caravanas e romarias que não tinham fim, com crentes e devotos, que diante de sua santidade queriam desobrigar-se dos pecados e ouvir suas palavras proféticas.

É relevante destacar que em Canudos o caráter subversivo instigado pelo líder contra a república era um dos pilares que condiziam suas pregações, estimulando que não se pagassem tributos e até espantasse os funcionários que representavam a justiça e o casamento civil, não se podendo negar sempre seu conteúdo religioso.

O sebastianismo também esteve presente em Canudos, Antônio Conselheiro acreditava no retorno de D. Sebastião e que ele eliminaria a chamada lei do cão - lei republicana que aparava o casamento civil. (VALENTE 1986).

Na verdade o que se verifica é que Antônio Conselheiro tomou conhecimento da tradição sebastianista que se espalhava pelos sertões nordestinos e correlacionou a sua luta, assim, o misticismo coletivo, representados pelos episódios, da Santa da Pedra, da Pedra Bonita e de Antônio Conselheiro, caracterizam-se pela crença sebastiânica que também esteve presente em Canudos, com suas peculiaridades.

A presença de D. Sebastião não é de estranhar no povoado baiano de Canudos. Tradição sebastianista já existia no sertão nordestino, desde o primeiro quartel do século passado. Os episódios da Serra

do Rodeador e da Pedra Bonita servem de testemunho. O sebastianismo de monarquia, cuja queda os sertanejos interpretavam como arte do demônio- tinha suas origens nas explosões misticopáticas coletivas de Pernambuco” (VALENTE, 1986, p. 72)

O movimento foi esmagado por tropas Federais e havia a crença de que Antônio Conselheiro não morreria, mas seu prestígio aos poucos foi sendo superado pela figura do Padre Cícero. Hoje, a lenda em torno do "Padim Ciço" afirma que ele ressuscitará no dia do Juízo Final e instalará o "paraíso terrestre" em Juazeiro, a "Nova Jerusalém". (MAIER, 2005)

Padre Cícero Romão Batista nasceu no dia 24 de março de 1844 e morreu no dia 20 de julho de 1934, foi sem dúvida um dos maiores incentivadores do fanatismo religioso nordestino. O padre Cícero era considerado o pai dos pobres, não aceitava pagamento pelas cerimônias religiosas, sinal de que abandonara os bens materiais, divergindo em geral dos outros religiosos, que recebiam pagamento pelas missas celebradas, vivia das doações dos fiéis, andava trajado como mendigo, o que levava os seus seguidores e admiradores a admitirem que estavam diante de um padre extraordinário.

A idéia na volta de Padre Cícero como salvador que iria retornar para salvar a humanidade das terras de Juazeiro conseguiu também se infiltrar nas camadas mais cultas. Os “milagres”, as “curas” e as “aparições” testemunham à santidade do padre e continua interessar os fiéis devotos. Apesar de não ter um cunho sebastianista surge dentro de um contexto que inclui uma série destes episódios, portanto, citamos como forma a confirmar ainda mais a idéia messiânica nordestina.

A obra de Ariano Suassuna tem como particularidade os ideários do Movimento Armorial, que surgiu à 35 anos em Pernambuco, buscando uma nova linguagem artística na união do popular com o erudito, assim, a partir das raízes populares são criados elementos inovadores e surpreendentes, que agregados com influências mouras, ibéricas e árabes da Idade Média, valorizaram a cultura popular brasileira.

A estética Armorial na literatura congrega elementos de literatura de cordel, das novelas de cavalaria e dos mitos ibéricos. O Romance d'a Pedra do Reino e do Príncipe do Sangue do Vai e Volta lançado por Ariano em 1971, é baseado em um acontecimento

histórico de cunho sebastianista ocorrido no interior de Pernambuco, em 1836, na Pedra Bonita.

No sertão de Pernambuco, o movimento sebastianista, do Reino Encantado da Pedra Bonita, dirigido pelo mameluco João Antônio dos Santos, que afirmava que D. Sebastião estava encantado na Pedra Bonita (hoje Pedra do Reino, no município de Vila Bela, PE) e que seria desencantado depois que dois rochedos fossem regados a sangue humano. Desencantado o Rei, os fiéis que tivessem sido sacrificados, ressuscitariam e todos seriam poderosos e imortais. Os sacrifícios foram bárbaros: pais atiravam os filhos do alto dos penedos, maridos degolavam as mulheres, adultos se ofereciam para o sacrifício. O grupo foi vencido pelas autoridades e por fazendeiros locais

Toda a saga d'a Pedra do Reino é envolvida pelos pilares do sebastianismo como uma epopéia sertaneja, uma forma sublime de olhar universo popular, por meio do imaginário que rompe os limites do tempo e da história, e transforma o personagem principal Dom Pedro Dinis Ferreira-Quaderna, num personagem que passeia entre a fantasia e a realidade, capaz de ir além das suas próprias inquietudes e desgraças.

Esse movimento sebastianista que é referenciado no romance Suassuniano surge como um fio condutor para o desenrolar das aventuras, contudo, é a partir dele que o personagem encontra as razões do seu imaginário.

D. Sebastião é o pai que ressurge no rei Conselheiro e no rei Zumbi, dois protagonistas dos episódios básicos para a compreensão do Brasil, segundo **Quaderna**. O reino imaginoso tem um sentido, ao mesmo tempo real e mítico, que se revela na luta tentar decifrar o enigma do mundo. A loucura, a insensatez e a solidão são ao preço a pagar nessa batalha, de antemão perdida. (Nogueira, 2002, p. 203)

A nítida relação que existe entre a história real e o universo literário que engloba o sentido da fantasia e da imaginação criadora da arte, assume um papel similar aquele vivido pelo homem sertanejo real, com seus símbolos e crenças no poder do sobrenatural, como fonte de suas esperanças.

Como cultura inventada e reinventada, por meio dessas ressonâncias míticas, assim como no Brasil que emerge de sua obra, acenam no sentido de uma ciência criativa, infinitamente metamorfoseada e reencantada. O sopro forte do mito no universo suassuniano desenrola-se no terreno da epopéia, reintroduzindo o

mito no reino do romance, ultrapassando o realismo, aproximando o homem do divino (NOGUEIRA, 2002, p. 39)

Os líderes como intermediário entre o imaginário coletivo e o poder sobrenatural tem a força propulsora de instigar a população a repensar a realidade vivenciada. A transposição do mito sebastianista português para o Brasil, realçou uma característica peculiar do sertanejo, o desejo permanente de sobreviver e sobretudo perpetuar a fé, o sofrimento muitas vezes enxergado como penitência, onde a única saída seria a crença no milagroso, com ritos e rezas.

Os líderes messiânicos não seriam psicopatas megalômanos, mas místicos ou ascetas freqüentes na tradição judaico-cristã, dotados de qualificações intelectuais acima da média de seus liderados; no mínimo, homens informados, com vivência em ambientes sociais diversificados e profundos conhecedores da cultura religiosa tradicional (NEGRÃO, 2005)

Portanto, o sebastianismo português e nordestino teve a força de vigorar em sistemas devastados, seja por ideologias ou por falta de perspectivas de vida, em que também imperava a religiosidade, e tinha como foco a possibilidade de um horizonte de deslumbre, porém, verdadeiramente real para os seus adeptos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pode perceber, em torno dos movimentos sebastianistas não podemos deixar de destacar a imaginação e o sonho idealizado, que permeia o sentimento humano. A literatura traduz como nunca esse aspecto, atribuindo novos significados, já que a arte é fonte dos simulacros da vida real. Assim, esboçando na ficção, sempre o impulso sonhador envolto no misterioso desaparecimento e no retorno glorioso de D.Sebastião.

Podemos identificar em todos os movimentos citados que todos tinham em comum o tratar-se de sociedades camponesas, coletividades marginalizadas, marcadas pelo abandono político, religioso e social em que viviam, ao mesmo tempo em que rejeitavam os princípios modernos e positivistas republicanos que lhes chegavam do litoral, como é o caso de Canudos.

As aspirações de um povo e a idéia de erradicar desgraças sociais, o mesmo povo, que está constantemente com seus valores destruídos sendo envolvidos por instituições emblemáticas, sem eficácia, acabam por esvaziar as esperança no presente e no futuro. A imaginação coletiva se dilata a tal ponto que apela para aquilo que devemos chamar sagrado, que no caso do sebastianismo, tem o rei D. Sebastião com símbolo de redenção.

REFERÊNCIAS

HERMANN, Jacqueline. **No reino do Desejado; A construção do sebastianismo em Portugal séculos XVI e XVII**. São Paulo: Companhia de Letras, 1998.

Macedo, Diva Cunha P. de. **D. Sebastião; a metáfora de uma espera**. Natal, UFRN: Ed. Universitária, 1980.

HERMANN, Jacqueline. **O sonho da salvação**. {Coleção: Virando Séculos}. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 2000

LAPLANTINE, François, TRINDADE, Liana Sálvia. **O Que é Imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 2003. Coleção primeiros passos; 309.

Nogueira, Maria Aparecida Lopes. Ariano Suassuna

GARCIA, José Manuel. **Historia de Portugal: Uma visão global**. 2. ed. Lisboa: Presença, 1980. 317 p. : il. -- (colecão textos de apoio; 5)

Cf. Martins, Oliveira. **O Sebastianismo in: Historia de Portugal**. Lisboa Guimarães Editores, 1972.

Sergio, Antônio. **Interpretação não Romântica do Sebastianismo**. Lisboa, Clássicos Sá da Costa, 1972.

SITE:

Sebastianismo. Disponível em: <http://www.pt.wikipedia.org/wikid_sebast.br>. Acesso em: 25 agosto 2005.

No Reino do Desejado. Disponível em: <<http://www.klepsidra.net/klepsidra9/desejado.doc.br>>. (Acesso em: 10 setembro 2005).

COELHO, Sérgio. As três Vozes do Imaginário por François Laplantine. Disponível em <<http://www.imaginario.com.br/artigo/a0001-0030/a0028.shtml>>. Acesso em: 22 setembro 2005.

O Sebastianismo e a “Salvação de Portugal”. Disponível em: <<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=721>>. Acesso em 22 setembro 2005.